



Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

O Mundo do Graffiti
Relatório final

Cadeira: Sociologia da Comunicação

Docente: Dr. José Jorge Barreiros

Discentes: Paulo Vitorino – n° 20235

Sandra Cunha – n° 20248

Licenciatura em Sociologia – 3° ano

Junho 2003



Atribuição – Uso Não-Comercial – Proibição de realização de Obras Derivadas 2.5

O utilizador pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra

Sob as seguintes condições:



Atribuição. O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Uso Não-Comercial. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.



Não a Obras Derivadas. O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

- Para cada reutilização ou distribuição, deverá deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que obtenha permissão por parte do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afectados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da Licença Jurídica (na íntegra), que pode ser consultada em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/pt/legalcode>

Índice

NOTA INTRODUTÓRIA.....	2
1. OBJECTO EMPÍRICO.....	4
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E PROBLEMÁTICA.....	6
3. METODOLOGIA	11
Técnicas de recolha de dados.....	11
Técnicas de tratamento da informação.....	12
A amostra.....	12
4. INCURSÕES ETNOGRÁFICAS.....	15
5. ANÁLISE DA INFORMAÇÃO.....	19
SÍNTESE CONCLUSIVA.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	37
ANEXO 1.....	39
(Glossário).....	39
ANEXO 2.....	41
(Quadro Perfis Sociais).....	41
ANEXO 3.....	44
(Guião das entrevistas).....	44
ANEXO 4.....	47
(Transcrição de oito de onze entrevistas).....	47

Nota Introdutória

Foi nossa intenção ao efectuar este estudo, aprofundar o conhecimento sociológico sobre as dinâmicas do *Mundo do Graffiti*. Ou seja, perceber que motivações estão por detrás desta prática juvenil, que significados lhe são atribuídos, o que pretendem transmitir estes jovens com os seus desenhos, que expectativas nutrem em relação ao *graffiti*. Esperamos ainda com este trabalho perceber o posicionamento destes jovens relativamente à concepção do graffiti como uma forma de arte. Ou seja, não é novidade que o graffiti é comumente associado a vandalismo, a delinquência, a jovens de bairros sociais e de classes mais desfavorecidas. No entanto, alguns dos jovens graffitiers empenham-se em diversas estratégias de legitimação que tentam transmitir uma imagem positiva, construtiva e artística do graffiti. Resta também saber se a entrada do graffiti nos circuitos legais e as estratégias de legitimação e integração são da iniciativa dos próprios writers ou das autarquias, com vista a integrar e controlar o fenómeno, evitando que se propague na sua vertente ilegal e marginal, provavelmente com maior prejuízo de todos.

Para tal foram contactados jovens writers que se dedicam essencialmente ao *graffiti*, legal e ilegal, e outros que se dedicam mais ao *bombing*, forma rápida de pintar *tags* (assinaturas), com pouca elaboração das letras e pouco colorida, sendo este, usualmente, o mais associado ao vandalismo.

A recolha da informação não foi contudo isenta de problemas, pois se verificaram algumas dificuldades no contacto com os jovens que se dedicam ao graffiti, originadas por uma certa desconfiança e logo, uma certa relutância em conceder-nos entrevistas, quem nos criou verdadeiros problemas de aproximação, foram de facto os jovens do *bombing*. Desde desconfiarem das nossas intenções e nos confundirem com polícia até, desmarcarem as entrevistas à última da hora ou simplesmente “desaparecerem” do horizonte, tudo aconteceu.

Os prazos a cumprir para a execução desta pesquisa, não nos permitiram, infelizmente, abordar todas as dimensões de análise desejáveis. Mas dado que existe muito pouca informação empírica e estudos sociológicos efectuados sobre este objecto de dimensão e

visibilidade cada vez maior na nossa sociedade, ficam decerto deste estudo (exploratório) inúmeras pistas a seguir em estudos futuros.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos: começa com a definição do objecto de estudo, seguido, do enquadramento teórico e da problemática que orientou o estudo. O terceiro capítulo refere-se à metodologia utilizada e à caracterização da amostra. O capítulo seguinte refere-se às observações retiradas da nossa pesquisa no terreno e prosseguimos no quinto capítulo com a análise da informação e com a consequente verificação das hipóteses iniciais e por último apresentamos uma síntese conclusiva deste estudo. Em anexo encontra-se além de um glossário dos termos específicos ao graffiti, o quadro que construímos para a análise das classes ou mais propriamente das categorias sócio-profissionais em que se inserem os nossos entrevistados. Em anexo está também o guião da entrevista e as transcrições integrais de oito das onze entrevistas efectuadas. Mais uma vez, os prazos a cumprir não nos permitiram continuar a transcrição das últimas três entrevistas. No entanto, foram, evidentemente devidamente analisadas, ficando apenas a faltar a sua transcrição integral.

1. Objecto Empírico

Desde a pré-história que o Homem sente necessidade de se expressar no seu meio e as inscrições ou desenhos em rochas, muros e paredes são usados com vários significados e objectivos desde há muito tempo. Nos dias que correm, não é difícil para quem circula em algumas áreas das cidades e arredores deparar-se com uma enorme quantidade de figuras verbais e não verbais, de formas mais ou menos elaboradas, feitas ilegalmente (ou legalmente) com tinta spray em locais públicos ou privados, como paredes, muros, junto às vias de circulação e estações de comboios, enfim, um pouco por toda a parte, o *graffiti* é algo que podemos observar quotidianamente nas áreas urbanas e semi-urbanas.

As práticas do *graffiti*, assim como o *rap* e o *break-dance*, são consideradas componentes características do movimento *hip hop* que surgiu nos bairros mais estigmatizados dos Estados Unidos, nomeadamente em Nova York, durante a década de 70, impulsionado por Afrika Bambaata, quando um amigo seu, membro do seu *gang*, é morto pela polícia. Bambaata tomando consciência da violência e das condições de vida existentes no Bronx, abandona o gang e dedica-se à música, criando um movimento apolítico, *Zulu Nation*, anti-violência, anti-racismo, assente em princípios como o respeito pelo próximo e pela diferença, a solidariedade, a tolerância e a criatividade.

Os “tags”, são a vertente mais antiga do graffiti e, de facto, eram já utilizados nos anos trinta por diversos gangs americanos como forma de demarcação de território. A “moda” voltou alguns anos mais tarde entre os jovens provenientes dos guethos negros e dos bairros pobres dos EUA. O “Tag” identificava o seu nome e o número da sua rua. O fenómeno atingiu a Europa nos anos oitenta e em Portugal surgiu no final dessa década.

Foi o desenvolvimento dos meios de comunicação de massas que permitiu a difusão deste movimento cultural praticamente à escala global, incluindo, obviamente, Portugal, que é o caso de que aqui tratamos. De facto, num espaço de tempo relativamente curto vimos as paredes das nossas cidades encherem-se de desenhos coloridos, muitas vezes indecifráveis para o olhar de qualquer transeunte, mas que se tornaram demasiado presentes e evidentes na nossa vida para que se possa por eles passar sem lhes concedermos um olhar mais demorado, sem os tentarmos compreender, sem os questionarmos sociologicamente.

O presente estudo pretende então compreender antes de tudo quem são estes “graffiters” ou “writers”, que artistas ou vândalos, nos enchem as paredes cores. Trata-se de uma análise exploratória, que visa acima de tudo uma abordagem descritiva, mas, também na medida do possível compreensiva dos processos e condições que envolvem a criação do graffiti, das representações, valores e atitudes dos jovens “writers” face ao graffiti em si, à sociedade que os rodeia e da qual apesar de tudo fazem parte, da família e dos grupos de amigos, das suas perspectivas futuras, das suas (des)motivações mas, principalmente tentar perceber o que está por detrás destas práticas, o que pretendem estes jovens comunicar através dos seus desenhos. Em, suma, com os resultados deste estudo esperamos poder contribuir para um melhor e maior conhecimento e compreensão deste grupo de população jovem, das suas motivações, experiências e expectativas.

2. Enquadramento Teórico e Problemática

Numa das suas principais obras, *Communication as Culture*, James Carey distingue duas importantes correntes que têm dominado o pensamento humano no que diz respeito à comunicação. Na perspectiva da *transmissão* sobre a comunicação, a influência dos media seria onnipotente, isto é, tendia a determinar os comportamentos e atitudes dos receptores – manipulação – tornando-os meros receptores passivos dos conteúdos transmitidos. Nesta perspectiva, a comunicação estava ligada a processos de transmissão de informação, numa escala o mais alargada possível, com uma função de controlo territorial e social, “(...) *communication was viewed as a process and a technology that would, sometimes for religious purposes, spread, transmit, and disseminate knowledge, ideas, and information farther and faster with the goal of controlling space and people.*” (CAREY: 1992, p. 17).

A questão da manipulação através da comunicação tem sido criticada por diversos autores, “*a noção de manipulação decorre de um modelo causal simplista que liga mecanicamente as características e os conteúdos das mensagens difundidas à transformação das condições sociais e culturais*”. (BRETON: 1997, p.179) Segundo este autor, “*se o discurso mediático actua sobre a estrutura social, também é, ao mesmo tempo, influenciado por ela*” (p.180).

Uma outra perspectiva de que nos fala Carey é a visão *ritual* ou *ritualista* da comunicação. Esta perspectiva está associada à ideia de comunidade, de partilha, relação, associação. Portanto, ao invés de considerar a comunicação como transmissão unilateral de informação com o intuito de controlo territorial e social, a visão ritual da comunicação tem em conta os esquemas simbólicos dos indivíduos, resultado das suas experiências no quotidiano pelo qual estabelecem relações interpessoais e colectivas e em que se formam valores e representações associados a práticas dotadas de significado e sentido. “*It sees the original or highest manifestation of communication not in the transmission of intelligent information but in the construction and maintenance of an ordered, meaningful cultural world that can serve as a control and container for human action.*” (CAREY: 1992, p. 19)

Segundo o autor, a informação transmitida pelos media em geral não traz “nada de novo”, aquilo que apresentam são visões do mundo que fazem parte de situações que os indivíduos vivem no quotidiano. No entanto, obviamente, não podemos esquecer a componente de influência em que certos órgãos pretendem manipular as mentes humanas, como é o caso da propaganda. Portanto, a comunicação também está associada a processos de transmissão de informação, no entanto, o que é deveras importante considerar são os processos simbólicos pelos quais, através da comunicação, a realidade é produzida e transformada, “*communication is a symbolic process whereby reality is produced, maintained, repaired and transformed.*” (CAREY: 1992, p. 23)

Contrariamente às noções que defendiam a difusão cultural pelos media como manifestação do domínio de uma cultura dominante sobre uma dominada, “*Morin propôs que os media fossem considerados segundo as diversas culturas que neles se exprimem e que os utilizam de formas diversas: a «cultura de massas», a «cultura cultivada», a «cultura escolar», a ou as «culturas políticas», etc.*” (BRETON: 1997, p. 178)

Poderemos então dizer que os estudos da comunicação e dos media têm sido desenvolvidos em torno de diversas perspectivas e paradigmas. De perspectivas mais viradas para os efeitos dos media, passou-se para perspectivas que salientavam mais a importância dos quadros culturais de interpretação dos receptores, do significado atribuído sobre aquilo que era difundido. Por outro lado, é importante também sublinhar que os receptores não são expostos da mesma forma àquilo que é difundido pelos media, prestam atenção diferenciada e seleccionam aquilo que mais lhes interessa, não podendo portanto ser considerados como uma “massa” passiva de recepção de sentido, pelo contrário, só considerando o papel activo na formação de sentidos e significados nos permite analisar os usos, e não propriamente os efeitos, que os receptores fazem daquilo que é difundido. No entanto, para uma análise frutífera dos processos de comunicação, é importante ainda sublinhar o papel que os grupos de relacionamento desempenham na interpretação, atribuição de sentidos e significados e na formação das opiniões. É comum na vida quotidiana ouvirmos pessoas comentarem e discutirem entre si assuntos, notícias ou programas difundidos pelos media, pelo que não nos podemos dar ao luxo, então, de descurar o importante papel dos processos de comunicação nas redes sociais em que se movimentam os indivíduos - produtores de sentido e dotados de um quadro simbólico e cultural de referência.

A *pragmática* é uma corrente que esteve na base do desenvolvimento do interaccionismo simbólico e de outras correntes derivadas das teorias da interacção, e a sua característica principal refere-se à importância dada à vida quotidiana dos indivíduos, as experiências individuais e partilhadas, o sentido e significado que os indivíduos atribuem às suas acções (legado do pensamento weberiano), “(...) *a realidade e o conhecimento têm como único fundamento a experiência concreta subjectivamente vivida pelo sujeito através da percepção, ou seja, da sua experiência do mundo(...)*” (FERREIRA e outros, p. 294). Assim sendo, o importante é analisar as interpretações que os indivíduos efectuem nas situações que se lhes deparam na vida quotidiana e compreender o sentido que dão às suas acções, ressalva-se assim a liberdade e capacidade criativa humana. Portanto, foi fundamental para o nosso trabalho tentar compreender o significado que os graffítters atribuem às suas acções, nomeadamente, à prática do graffiti.

No entanto, temos de ter em conta que os quadros de percepção individuais não podem ser desligados dos contextos locais e relacionais em que se movimentam os indivíduos, construídos através de processos de comunicação, mediados pela linguagem, inter e intragrupal. Por isso, foi também de extrema importância para o nosso trabalho compreender qual o papel do graffiti na formação de identidades individuais e colectivas. Isto é, como se formam os grupos em torno do graffiti e como se distinguem de outros grupos.

Podemos então dizer que se desenvolveu um quadro de análise destes processos de comunicação que salienta a importância do papel activo dos receptores e redes sociais de relacionamento na construção de significados e sentidos, conjuntamente com condicionantes estruturais de quadros culturais e simbólicos de percepção e construção de sentido, como por exemplo, a classe social de pertença que, como diria Bourdieu, são estruturados por *habitus*. Isto é, por sistemas de disposições incorporados, mais ou menos duráveis, adquiridos em grande parte durante o processo de socialização primária, estruturados pelas condições materiais de existência e pelas posições relativas no espaço social dos agentes, e que por sua vez estruturam os esquemas de valores, representações e práticas destes. Por outro lado, as práticas ou as acções dos agentes, elas próprias, contribuem para a reprodução ou transformação das posições relativas no espaço social, assim como dos diferentes *habitus*.

Por isso, a nossa hipótese central é que **a difusão da cultura hip hop pelos media a nível global, é alvo de (re)apropriação e (re)atribuição de sentido diferenciado tendo em conta, não apenas condicionamentos estruturais de classe ou etnicidade, mas também contextos locais de produção de sentido, nomeadamente, grupos de referência que se constituem elementos importantes para a formação de identidades individuais e colectivas.**

Neste trabalho, foi possível articular a perspectiva da transmissão e a perspectiva ritualista da comunicação. O graffiti, estando inserido num movimento mais global como é o caso do movimento Hip Hop, tem sido difundido pelos meios de comunicação (TV, revistas, rádio, CDs, vídeo, etc.) praticamente à escala global. O processo de globalização, acentuado durante a década de 90, e o desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação, permitiram a difusão da cultura Hip Hop em quase todos os cantos do mundo. Decerto que a Cultura Hip Hop não penetrou directamente, com todos os seus componentes de origem, nas mentes dos receptores de tal difusão global. Podemos afirmar, por um lado, e segundo a visão ritualista, que a difusão do movimento Hip Hop não é algo que tenha sido imposto ou determinado, sendo antes as próprias condições sociais de existência e as experiências partilhadas pelos jovens oriundos dos bairros mais degradados da Nova York, que se tornaram no quadro simbólico de referência dentro do qual se formaram valores, representações e práticas associadas à cultura Hip Hop. Por outro lado, a propagação e difusão desta cultura a outros pontos do planeta não se manifestou de forma determinista nas consciências e comportamentos dos seus receptores (tomados como passivos). O receptor da informação não é passivo, como atrás vimos. Em primeiro lugar, o estar exposto à difusão da cultura Hip Hop implica uma selecção por parte do receptor de toda a panóplia de oferta cultural divulgada pelos canais de informação e comunicação. Em segundo lugar, a actividade criativa e interpretativa, estruturada por esquemas de percepção de cada indivíduo, originados pelos quadros simbólicos de referência a que pertencem, leva-nos a pensar que a cultura Hip Hop é (re)apropriada pelos indivíduos e aplicada aos contextos locais de recepção. Portanto, é legítimo pensar que a apropriação e os usos da cultura Hip Hop é diferenciada consoante os contextos e os quadros simbólicos locais, pelo que é possível que os significados atribuídos ao Hip Hop, e no caso concreto ao graffiti, sejam também diferenciados. Assim, é também possível pensar que **os significados atribuídos ao graffiti em Portugal, sejam diferentes daqueles que estiveram na**

base da formação da cultura Hip Hop nos E.U.A. e também diferenciados entre os diferentes grupos de graffiteurs portugueses.

Célia Liebaut dos Santos, na sua tese de licenciatura sobre o graffiti, constatou que alguns *writers* não davam qualquer importância à cultura Hip Hop para levarem a cabo as suas acções, neste caso, o *graffar*, o que vem reforçar a nossa hipótese de diferenciação.

Outra questão deveras importante é que se refere à origem do *graffiti*. Nos E.U.A. terá tido origem nos estratos mais baixos da população, como forma de contestação social. Em Portugal, não temos um conhecimento aprofundado da questão, mas José Machado Pais, na sua obra *Culturas Juvenis*, encontrou um grupo de jovens oriundos predominantemente das classes médias, que utilizavam o graffiti como forma de expressão. *Qual será o significado disto, que relação poderá haver entre a origem do graffiti e os grupos que apropriaram tais práticas?* Esta é outra das questões que tentámos abordar na nossa pesquisa.

3. Metodologia

Técnicas de recolha de dados

Face ao nosso objecto de estudo e à nossa problemática, considerámos como mais adequado para a recolha de informação o uso da entrevista semi-directiva, por forma a permitir obter resposta às nossas questões chave sem no entanto excluir as informações inesperadas ou paralelas que pudessem surgir no decorrer do processo de comunicação e que pudessem vir a alterar ou enriquecer as nossas hipóteses iniciais de trabalho. Ou seja, pretendia-se deixar caminho livre às interpretações e expressão de sentimentos dos entrevistados pelas suas próprias palavras. Recorremos ainda à pesquisa no terreno, por um lado, para nos ser facilitada a aproximação e o estabelecimento de uma relação de confiança com os graffítters que nos permitiu efectuar as entrevistas com muito mais à vontade e colaboração por parte dos mesmos e, por outro lado, por permitir uma melhor compreensão dos comportamentos dos jovens, do tipo de relações que estabelecem uns com os outros, do modo como actuam quando vão pintar em conjunto.

Como o objectivo era perceber o que leva os jovens “graffítters” a iniciarem-se numa actividade desviante e ilegal, quais as suas representações sobre esta actividade, as suas crenças, valores e normas, considerámos a necessidade da utilização destas duas técnicas praticamente imprescindível. Só assim se tornava possível identificar, numa realidade tão complexa, a existência (ou não) de traços comuns de estímulo à prática do graffiti e tentar perceber também as diferentes propensões para esta actividade.

Estas técnicas de recolha de informação apesar de não permitirem inquirir o número de pessoas que se inquiram com os inquiridos por questionário e deste modo não se colocar sequer a questão da representatividade estatística, permitem alcançar uma profundidade sobre o tema que seria impensável com outros métodos, ou seja, uma informação muito mais rica, detalhada e, por vezes até, inesperada.

Técnicas de tratamento da informação

Relativamente à análise de conteúdo das entrevistas surgiram algumas dificuldades como, por exemplo, o facto do tratamento da informação demorar muito tempo devido à necessidade de interpretação de muitas das respostas e à codificação das mesmas. Embora tenhamos optado por analisar as entrevistas na íntegra e não proceder a um resumo não tomámos em conta na nossa análise determinados factores como erros de sintaxe, hesitações ou a ordem de aparecimento das preposições.

Procedemos a uma análise temática vertical, ou seja, analisámos aprofundadamente cada entrevista de cada “Writer” *per si* procurando a explicação para as nossas questões a um nível singular, isto é, procurando perceber as motivações pessoais, os sentimentos ou não de pertença a grupos, as representações sobre o graffiti e a sociedade, para depois se aplicar então uma análise de conteúdo horizontal na expectativa de se poderem estabelecer comparações, relações e agrupamentos entre os entrevistados.

A amostra

O nosso processo de amostragem foi efectuado pela técnica do snowball, ou seja, uma vez que não se sabíamos ao certo quem praticava graffiti, onde e quando actuavam, estabelecemos contactos iniciais com alguns jovens através de redes de conhecimento e da Internet, que por sua vez nos indicaram outros praticantes e assim sucessivamente. No entanto, tivemos o cuidado de contactar jovens oriundos de locais diferentes da área da Grande Lisboa e Porto, com o intuito de nos prevenirmos de encontrar uma única rede de sociabilidades entre graffitiers. Portanto, a nossa amostra construiu-se de facto através não de um, mas de vários processos de snowball.

O número de graffitiers que entrevistámos foi determinado pela exaustividade da informação obtida ao longo do processo de recolha de dados assim como pela variedade de situações existentes e encontram-se representados no quadro seguinte.

Como se pode facilmente verificar, as idades dos nossos entrevistados variam entre os 17 e os 28 anos. Tivemos no entanto informação de que as idades mínimas de graffítters ou iniciados rondam os dez, onze anos e que há indivíduos com trinta e trinta e poucos anos que ainda pintam graffiti.

O *graffiti* sempre foi uma prática essencialmente masculina por razões que não coube explorar nesta pesquisa, de modo que dos nossos 11 entrevistados, só uma (Entrev. nº 3) é do sexo feminino.

Apesar de não estar presente neste quadro, a maioria dos nossos entrevistados são de etnia branca e apenas um é de origem africana. De facto, ao longo das entrevistas os nossos entrevistados reconheceram conhecer poucos graffítters de outras etnias, tendo sido indicados apenas 2 ou 3 de origem africana, um indiano e um marroquino. Afirmam que a maioria dos graffítters em Portugal são brancos e de facto, toda a nossa pesquisa nesse sentido (através das entrevistas, pesquisa na Internet e revistas de graffiti) nos inclina a confirmar essa afirmação.

Voltamos a salientar que com o intuito de averiguar se a diferentes redes de interacção, correspondem diferentes significados atribuídos ao graffiti, tivemos o cuidado de recolher testemunhos de jovens oriundos de diversas regiões de Portugal, três da região Norte (Porto e Gaia) e os restantes da região Centro (Grande Lisboa) de modo a obtermos testemunhos de diversas “redes de graffítters”, de diversas *crews*.

Amostra

	Idade	Crew	Local residência	Escolaridade	Profissão/Ocupação principal
Entrev.n º 1	28	Leg	Seixal	Licenciatura	Designer de Moda
Entrev. nº 2	23	Leg / Clann	Feijó	12º	Electricista de automóveis
Entrev. nº 3	18	?	Gaia	Frequência Ens. Superior	Estudante
Entrev. nº 4	20	Ops / Dtl	Porto	9º	Estudante
Entrev. nº 5	24	United Artists / Clann	Forte da Casa	12º	Comerciante
Entrev. nº 6	17	Wild Style / Clann	Forte da Casa	Frequência 11º ano	Estudante
Entrev. nº 7	22	Gvs / Five Star	Buraca	12º	Decorador toldos / Estudante
Entrev. nº 8	18	Dcs	Xabregas	10º	Estudante
Entrev. nº 9	19	?	Lisboa	Frequência Ens. Superior	Estudante
Entrev. nº 10	18	?	Lisboa	Frequência Ens. Superior	Estudante
Entrev. nº 11	18	?	V.Nova Gaia	12º	Estudante

4. Incursões Etnográficas

A primeira incursão que fizemos no terreno foi junto da WR crew, um grupo de jovens residentes num bairro bastante urbanizado de Vila Franca de Xira. Este grupo é constituído por jovens brancos e negros que parecem relacionar-se muito bem entre si. Possuem uma banda de Hip Hop que se designa por *Profetas Urbanos* e parece-nos que o peso do Hip Hop é bastante significativo na constituição do grupo e na prática do graffiti. O tipo de roupas que utilizam assemelham-se, no que ao estilo hip hop diz respeito, roupas largas, algumas referências ao estilo americano, com designações como *New York* ou *Queens*, lenços e chapéus na cabeça. Um deles criticou ainda o tipo de Hip Hop veiculado pela MTV.

Fomos dar uma volta ao bairro para vermos os graffs existentes que, segundo nos disseram, já tinham sido feitos há algum tempo. Regra geral, estes graffitis foram feitos em grupo, excepto alguns que teriam sido feitos por um dos membros que, seria o que mais se destacava em termos artísticos e de estilo, sendo aliás, o jovem que levava a prática do graffiti até ao resto do grupo. Este jovem, Vile (nome com que assina os seus tags) é o que continua com mais frequência a praticar graffiti, fazendo alguns trabalhos sob contrato, como por exemplo, pintar lojas em graffiti. Actualmente está a tirar um curso de desenhos animados. Aliás, depois de termos “tirado” ou “percebido” o estilo do Vile, ao circular por Vila Franca, era notória a presença dos seus tags um pouco por toda a cidade.

Surpreendeu-nos o facto de termos visto um graff com alguns traços por cima. Quando mostrámos o nosso espanto e questionámos sobre o porquê, disseram-nos que tinha sido um amigo que se tinha zangado com outro e para se vingar estragou-lhe o graff. A maioria dos graffs que vimos eram tags (os nomes com que assinam) com diversos formatos de letras, em que destacamos o Vile pelo seu estilo e por graffs em que predominavam outro tipo de desenhos e formas. Foi-nos dito que passavam dias e noites inteiras a beber álcool enquanto alguns pintavam os muros e paredes. Foi também curioso terem-nos dito que utilizavam outra designação quando pretendiam “chocar”, isto é, taggar em locais ainda mais impróprios, assinando nesse caso como Xira Maphia. Ainda assim, disseram-nos que consideravam paredes todas “taggadas” como destruição e vandalismo e não como graffiti. Um dos membros do grupo falou-nos ainda do graffiti

como uma questão territorial, se bem que não nos pareça que seja esta uma questão essencial ou muito frequente em Portugal. Por exemplo, se uma crew inscrever as suas siglas numa parede ou muro do seu bairro, torna-se a única crew a utilizar legitimamente esse espaço. Outra questão que nos foi salientada, e da qual já tínhamos conhecimento através de alguns trabalhos sociológicos sobre graffiti que consultámos, é que só se pode “crossar” (pintar) por cima de outro graff se o que se fizer for superior ao outro em técnica e estilo, só assim é legítimo.

É também de referir que muitos jovens deste grupo abandonaram a prática do graffiti, nuns casos por se tratar de uma situação ilegal que lhes trouxera alguns dissabores como idas à esquadra de polícia ou mesmo acções em tribunal, outros por diversas razões. Uma que nos pareceu interessante pela singularidade foi o facto de um destes jovens gostar de outro tipo de música e já não acompanhar deste modo, este grupo de Hip-Hop.

Uma outra questão que nos parece relevante da forte identidade e coesão deste grupo, foi o facto de um dos membros nos ter dito que tinham sido contactados para integrarem outra crew, e que recusaram. Segundo o jovem: *“somos do Bom Retiro, somos todos amigos, pintamos juntos, agora ir para uma crew com pessoal que não conhecemos não faz sentido...”* Também nos foi dito que quando vem “pessoal de fora” para pintar com eles se tornam algo reticentes, têm de ser primeiro amigos: *“Somos amigos, uma crew é uma crew, agora vir pessoal de fora assim sem mais nem menos...”*

Ao circular pelo bairro reparámos que diferentes grupos de jovens ocupavam diferentes espaços do bairro e quando questionámos sobre isto um jovem da WR respondeu-nos que existiam mais ou menos 4 grupos no bairro, eles próprios (WR), uns mais ligados ao Metal e ao Trance (com os quais tinham alguns contactos), outros que designou de “betos” (com os quais nos pareceu que se encontravam mais afastados)...

Das conversas a que assistimos e interagimos, destacamos a importância dada à música, nomeadamente o Hip Hop, e o desejo e o facto de retractarem os “podres da sociedade” nas suas músicas. Poder-se-á estabelecer aqui uma analogia com o graffiti?

No Forte da Casa, zona residencial situada logo a seguir à localidade de Póvoa de Santa Iria, no sentido Lisboa - Vila Franca de Xira, encontrámos uma outra crew- CLANN - que parece vir confirmar a hipótese dos significados diferenciados atribuídos ao graffiti.

Em primeiro lugar, parece haver uma actividade muito maior na prática do graffiti do que em Vila Franca de Xira. Não só encontrámos mais espaços pintados, como inclusivamente acompanhámos um grupo de aproximadamente 10 jovens a graffar num muro perto da auto-estrada. Na altura estavam três a pintar. O estilo e estética pareceu-nos bastante desenvolvido. Mas o que é de destacar é o facto de alguns destes jovens realçarem, contrariamente à crew de Vila Franca de Xira, que não se identificam com o Hip Hop. Para muitos deles o estilo musical favorito é o Metal. Foi curioso o facto de um deles nos ter dito que o Forte da Casa “*é a terra do graffiti*”. E de facto parece-nos existirem bastantes paredes legalizadas naquela zona. A CLÃ é uma crew que integra jovens de várias crews (a nível nacional). Pelo que nos foi dito são cerca de 80 graffters no total. Acompanhámos apenas uma dezena deles o que já é de qualquer forma, um número significativo. As suas idades variam entre os 13 e os 30 anos, e em Vila Franca de Xira, pensamos que não ultrapassavam os 22 anos.

Outra questão bastante importante, e uma das principais diferenças encontradas em relação a VFX, é que, a CLÃ está autorizada pela Junta de Freguesia do Forte da Casa a pintar muros e paredes públicas, excepto prédios de habitação e talvez alguns outros edifícios. Verifica-se portanto uma forte proliferação do graffiti legal e talvez por isso existam ali tantos jovens a pintar. O Forte da Casa é uma zona residencial urbana relativamente pequena, e pelo que nos foi dito, a própria população não recrimina a actividade destes jovens, facto que pretendemos apurar melhor através das entrevistas que efectuaremos a estes jovens. Outra questão interessante foi terem-nos dito que a população não considera a sua actividade como graffiti (ao que parece por não os associarem a marginais), assim como alguns writers que vêm de fora e os chamam de “decoradores”, argumentando que alguns dos seus desenhos não são graffiti, em parte por não estarem identificados com o movimento Hip Hop, por outro lado, por os seus desenhos não serem constituídos apenas por tags (assinaturas) mas criarem outras formas, e pelo que vimos bem delineadas estrutural e tecnicamente. Um dos jovens com apenas 17 anos disse-nos, que não faziam graffs como forma de demarcação de território nem para “*falar mal do sistema e parvoíces dessas...*”

Apesar de as nossas incursões no terreno terem sido escassas, permitiram-nos encontrar algumas diferenças fundamentais entre crews diferentes, tanto ao nível de representações e significados atribuídos ao graffiti, como ao nível das próprias práticas.

Também nos permitiram tomar contacto e começar a perceber alguns dos termos específicos ao graffiti e, mais importante, permitiram-nos estabelecer contactos com os jovens e criar deste modo uma relação de maior confiança e familiaridade que ajudaram bastante no decorrer das entrevistas. O relacionamento que estabelecemos com estes jovens também nos trouxe outra vantagem bastante importante pois foi através deles que fomos conseguindo os contactos de outros graffitiers e writers de todo o País.

As entrevistas que efectuámos trouxeram-nos sem dúvida uma nova luz sobre toda esta realidade e permitiram-nos aprofundar e compreender melhor certos aspectos que já nos tinham surgido como importantes no decorrer das incursões etnográficas que efectuámos. Passaremos no capítulo seguinte, a dar conta dos resultados de toda a informação que recolhemos.

5. Análise da informação

Todos os nossos entrevistados começaram pelo graffiti ilegal ou pelo menos passaram por ele, embora uns valorizem mais uma ou outra vertente, ou ainda ambas. No entanto, ambas as vertentes do graffiti, legal/ilegal, são praticadas por jovens de posições de classe diferenciadas. Podemos afirmar que a esta clivagem estão associadas diferentes concepções e representações sobre o que é o graffiti, embora seja possível um mesmo writer praticar as duas vertentes, normalmente optando por uma delas, sendo que, quem defende o *bombing* pratica menos vezes graffiti legal, como, por exemplo, os *hall of fame* e vice versa. Se, por um lado, alguns jovens consideram que o graffiti deva ser uma prática essencialmente ilegal, outros há que apelam para o graffiti legal, apesar de existirem também algumas posições ambivalentes:

“(...) o legal é aquilo que eu faço é aquilo que eu valorizo, (...) é aquilo que para mim traz mensagem e mete sentido...” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

“(...) quando é legal existe uma procura mais interior mais espiritual. Algo mais organizado esteticamente.” (entrevistado nº 4, 20 anos, estudante)

“(...) gosto mais do legal porque dá-me mais tempo e gosto de fazer coisas mais cuidadas, mais elaboradas, gosto de perder algum tempo a fazer as coisas. Mas há pessoas...eu por acaso, o meu ilegal também, é um bocadinho...não é chegar lá e fazer e...por isso, dou valor às pessoas que fazem ilegal como se fosse legal. (entrevistado nº 2, 22 anos, 12º ano)

É possível afirmar que a prática legal do graffiti permite o trabalhar de técnicas, construções mais elaboradas e complexas, enquanto que o graffiti ilegal, o *bombing*, se caracteriza por uma forma de fazer graffiti mais rápida, com um trabalho de construção menos complexo, e com uma elevada dose de adrenalina e risco associados em que se pretende atingir locais de maior dificuldade de acesso e por onde, de preferência, muitas pessoas.

“(...) pra mim o graffiti é a adrenalina, é aquilo de estarmos sempre a pensar se vamos ser agarrados ou não, também aquilo de “eh pá, pintámos num sítio mêmo lixado”,

vamos pra casa mêmo felizes, porque é uma cena que nunca acontece na parede legal (...) (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior)

“(...) se fosse o graffiti todo legalizado perdia um bocado o significado, porque tipo, já não ia dar vontade de pintar um comboio... (...) porque podia ir lá tipo, com um lanche, uma cadeirinha, um rádio, isso não dá vontade, o que me dá vontade num comboio é tipo, eu sei que tenho um X tempo e tenho uma cena pa dar, e tenho que fazer aquela cena o melhor possível, tás a ver, naquele X tempo... e as pessoas vão lá ver tipo, “ “eh pá, sim senhor, aquele homem fez uma cena em vinte minutos que ninguém faz p’ái tipo em dez horas” (entrevistado nº 8, 18 anos, estudante)

“(...) É esse risco que corremos que faz do graffiti graffiti. Se fosse legalizado muito provavelmente deixaria de existir e arranjavam outra coisa qualquer para fazer.. (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior)

É justamente pelo facto de o *bombing* se caracterizar por uma forma de expressão do graffiti em que a rapidez de execução é necessária que, os jovens que o praticam, mais o valorizam.

“(...) há o graffiti (bombing) que pega naquilo e em cinco minutos tem que tar dali pra fora e acabou... (...) e aí é que se vê, na minha opinião, aí é que se vê quem é que é bom e quem é que não é, porque aí, com tudo em cima, com pressão, uma pessoa, ou sai ou não sai (...)” (entrevistado nº 9, 19 anos, estudante ensino superior)

Embora, como já afirmámos, muitos dos jovens entrevistados se situem na fronteira entre o legal e o ilegal, esta dualidade não é pacífica, nomeadamente, no que ao que deve o graffiti ou não ser. Como diz este jovem:

“Eu próprio pinto telas mas uma tela é uma tela e um graffiti é um graffiti numa parede, (...) mas...acho, por exemplo, que o graffiti que é ilegal é mais puro do que o graffiti que é legal. Apesar de eu fazer, eu próprio faço muito graffiti legal, mas acho que o graffiti na sua própria essência é ilegal.” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano)

Uma outra questão interessante prende-se com a consideração do graffiti como uma forma de arte. Para grande parte dos entrevistados o graffiti é uma arte, para outros, sendo arte deixaria de ser “graffiti graffiti”:

“Para mim fazer graffiti é... pode-se dizer que é uma forma de arte, (...) através da arte mostrar o nosso estilo de vida, (...) a galeria é a rua e, quer queiram quer não, vão ver (...)” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

São, sem qualquer surpresa, os mais inclinados para a vertente ilegal do graffiti, nomeadamente, para o *bombing*, quem mais questiona essa concepção:

“(...) eu não considero que o que eu faço é arte, e não o faço nesse sentido... paredes legalizadas isso eu considero arte... não sou capaz de ver uma parede ali no meio da rua, um trem a girar ou uma cena assim, eu não posso dizer que isso pra mim é arte, são duas cenas diferentes.” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior)

No entanto, mesmo para aqueles que exercem o graffiti como uma forma de arte, seja na sua vertente legal ou ilegal, o espaço legítimo deve ser a rua:

“Acho que o facto de o graffiti estar espalhado por todos os lados (paredes, metros, combóios, etc..) só vem mostrar que a arte quando descontextualizada tem muito mais impacto do que fechada em museus ou exposições (...), (...) a sua principal característica é ser a arte da rua (...)”(entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior)

“(...) aí tava a renunciar a todos os meus ideais, eu já comecei por pintar antes e começar a pintar por telas, e pensa-se de uma maneira e depois é que comesas a ver que o graffiti não, pá, para mim, não é tar a construir dinheiro em casa (...), (...) é diferente, são coisas que não têm muito a ver.” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

“(...) há um gosto diferente entre o fazer na rua e fazer sem ser na rua...(...) Uma tela não tem nada a ver, é mais o gosto... nem é só a nível das características próprias é mesmo o gosto próprio, fazer uma tela e fazer uma parede é completamente diferente, o feeling é diferente (...), (...) se eu quisesse fazer telas tinha começado a pintar a óleo (...)”. (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

Podemos afirmar que estes jovens consideram que o graffiti na sua essência deve ser, efectivamente, realizado na rua. Além disso, na rua, o graffiti pode ser desenvolvido colectivamente e permite criar fortes relações de amizade.

“(...) momentos para recordar mais tarde e demonstrações de amizade que noutros casos seria difícil receber porque não existe muitas ligações tão fortes como pintar entre amigos.” (entrevistado nº 4, 20 anos, estudante)

Portanto, não podemos prosseguir a análise sem nos referirmos às redes de relacionamentos sociais estabelecidas pelos nossos jovens graffítters. A noção de rede denota, de um modo genérico, o conjunto de laços e relações de diversos tipos e intensidades, que ligam um actor social a outros, assim como os eventuais laços que se poderão estabelecer entre esses outros actores. É exactamente o carácter excepcional, forte e intenso destes relacionamentos que é ressaltado de forma bastante positiva e entusiasta por diversos dos nossos entrevistados. Quando questionados sobre as suas redes de amizade, constatámos que os writers se relacionam muito entre si, alguns admitem mesmo que o seu círculo de amigos se restringe aos praticantes de graffiti. Como aspectos positivos, as amizades que se criam, foi um dos mais considerados e é o reforço desses laços de amizade que, por um lado, permite que se mantenham ligados ao mundo do graffiti por mais tempo e, por outro lado, estando inseridos neste mundo, distinguem-se de outros grupos de jovens e das próprias normas e regras da sociedade em que, apesar de tudo, se inserem.

“(...) agora é mesmo a amizade e tar com o pessoal...(...) a minha namorada é que diz: “Tu gostas mais de estar com eles do que comigo””. (entrevistado nº 2, 22 anos, 12º ano)

“(...) acho que primeiro que tudo tem que haver uma amizade entre as pessoas. O nosso grupo, a nossa crew, deve ser a nossa segunda família, devemos tar ali, devemos tar-nos a identificarmo-nos com as pessoas com que tamos em que tar com eles é como tar com a nossa família, é a mêma coisa (...)” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

“(...) acima de tudo, graffiti só, acima de tudo, não é por mal, mas é assim, damo-nos bem e circulamos bem entre nós, (...) porque é mêmo assim, isto é um grupo, isto é um... pá, isto é uma elite, é um bocado, é um grupo de elite, é uma força de elite, tás a ver, são realidades completamente opostas (...)” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

Passando agora a outro ponto da análise, apercebemo-nos, durante o decorrer do nosso trabalho de pesquisa no terreno e através das entrevistas efectuadas, que os writers oriundos de diferentes locais e regiões do País, se conhecem entre si. Na margem Sul do

Tejo falaram-nos de writers do Forte da Casa, aqui, falaram-nos em writers de Lisboa e vice versa, em Lisboa falaram-nos de writers do Porto, etc. Quando falávamos da *tag* de algum, normalmente era conhecido, ou seja, tudo leva a crer que no “mundo do graffiti” as pessoas se conhecem entre si e, afinal, como nos foi dito, a prática do graffiti estabelece formas de comunicação entre eles. Além disso, os graffitiers pintam essencialmente para os seus pares, para quem os percebe, conforme referem por diversas ocasiões:

“Essencialmente é para o outro pessoal que faz graffiti. O resto das pessoas não percebem (...) Porque o graffiti é um mundo completamente à parte dos outros mundos e eu acho que graffiti...as pessoas que percebem graffiti são as pessoas que fazem graffiti ou que vivem na redoma, dentro da redoma que é o graffiti, são pessoas que vivem próximas disso.” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano)

De facto, grande parte dos entrevistados afirma que pintam, para além de si mesmos, para outros writers, dado que o prestígio adquirido depende muito da avaliação feita entre os diversos graffitiers.

“(...) assino com a minha assinatura quando acho que os trabalhos têm qualidade, porque senão, eu posso ajudar muita gente mas nunca assino, nunca tive lá, percebes, porque, eh pá, neste tempo agora é como venderes uma imagem, é como venderes a tua assinatura (...)” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

Conforme já referimos, no que se refere à prática do *bombing*, a qualidade do graff e o sítio escolhido são factores que contribuem para o aumento do prestígio junto de outros writers e pessoas ligadas a este “mundo”:

“(...) um comboio é mêmto aquela cena, pá se tu vires um comboio tão bonito como numa parede dá gosto, porque é um comboio e tu vês, “eh pá esses gajos têm um ganda risco, tão a fazer essa cena num comboio”, e dá-se mais valor à cena porque é um comboio, (...) o vandalismo é mêmto entre a gente, bombings, tudo, é mêmto entre o pessoal do graffiti, o pessoal do graffiti é que dá o seu valor.” (entrevistado nº 8, 18 anos, estudante)

Verificámos também que existem regras e normas específicas ao mundo do graffiti, não se tratando de todo de grupos anónimos, como muitas pessoas poderiam supor. Quando vão pintar em grupo nunca se trata de uma questão de “cada um por si”, procuram conjugar as construções de uns e outros por forma a manter um equilíbrio estético, o

jogo de cores e técnicas utilizadas obedecem também a padrões estéticos e são combinados previamente entre todos, mas o mais curioso prende-se com a apropriação das próprias paredes quando se encontra um *spot* para pintar:

“(...) tu quando pintas um pedaço de parede é quase como se tivesses a comprar esse pedaço de parede. Aquilo é teu. Então, tipo se for lá outra pessoa e quiser ficar com aquilo, pá, vai haver guerra porque aquele pedaço de parede é teu (...)”(entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano)

“Tu ao fazeres uma cena numa parede tipo, aquele espaço já sabes que é teu, se alguém to tirar tu vais falar com ele ou então nem dizes nada, chegas lá e crossas, e se ele vier falar contigo tu dizes: “eu pintei lá primeiro vais-me lá crossar pra quê”, ele não vai ter argumentos pa falar contigo (...)”(entrevistado nº 8, 18 anos, estudante)

Relativamente às representações que os jovens graffítters têm em relação à sociedade que os rodeia, pudemos constatar que manifestam uma atitude crítica em relação aos padrões de vivência das sociedades contemporâneas, desde o facto de que vivemos numa sociedade que vive essencialmente para questões materialistas e consumistas até à má oferta proporcionada pelos media, nomeadamente a televisão:

“Uma grande obsessão pelo dinheiro. As pessoas cada vez mais dão mais importância aos bens materiais do que às relações com as pessoas mais próximas (...)” (entrevistado nº 4, 20 anos, estudante)

“(...) a coisa que mais me mete impressão na sociedade em que vivemos é o consumismo e quem tem mais guita é mais respeitado e... as pessoas vivem por aquilo que se mostra e por aquilo que é aceitável (...), a falta de personalidade das pessoas, meu, é a standardização de comportamentos, de maneiras de vestir e de ser, de andar tudo igual, os outros gostam tá tudo bem. As pessoas tão a perder um bocado a personalidade, tamos a caminhar um bocado para cidadãos modelo e depois há aqueles que quebram a rotina...” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

“Vivemos numa sociedade triste, hipócrita, falsa...e as próximas gerações com certeza não irão fugir a este panorama, uma vez que não tem bons exemplos a seguir. Um puto de 7/8 anos liga a televisão e ouve notícias de políticos que fogem para o Brasil, outros

que abusam de crianças, outros que colaboram em fraudes...enfim, acho que não preciso dizer mais nada.” (entrevistado, nº11, 18 anos, estudante ensino superior)

“(...) acho que todos somos monopolizados sem saber por coisas muito piores do que o graffiti... basta olhar para a televisão e os media que estão cada vez mais decadentes... Acho que a nossa cultura em geral está a decair.. as pessoas estão cansadas do sistema como o conhecemos e agarram-se às coisas mais estúpidas possíveis.. programas como o big brother ou talk shows americanos são uma espécie de escape ao mundo... Nós temos a nossa forma de escape e não posso negar que a cultura hip hop nasceu de uma alternativa à vida "normal" em sociedade, porém acho que usamos mais a cabeça do que a maioria das pessoas e temos a nossa forma de exprimir ideias”. (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior)

Apesar de estes jovens entrevistados afirmarem que não praticam graffiti como forma de contestação explícita em relação à sociedade que os rodeia, nomeadamente em termos políticos, podemos afirmar que a prática do graffiti acaba, pelo menos, por tomar a forma de um certo desafio à autoridade e também de ser uma forma de afirmação e distinção, de produção de um estilo de vida alternativo.

“(...) para mim não tem nada a ver com protesto e penso, na minha opinião, no meu ponto de vista, ninguém o faz como protesto hoje em dia (...) Se calhar o pintar por si só já é um protesto, é sair um bocado fora da norma, mas protesto mesmo explícito acho que não há, só se for por isso, pela rebeldia de fazer (...), o graffiti é um escape (...).” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

“(...) Mas o graffiti fiz sempre mais no sentido de melhorar, mais no sentido de arte, nunca foi tanto no sentido de contestação nem foi, nem nunca foi com mensagens políticas nem, nunca foi com esse aspecto, foi sempre no sentido de arte (...).” (entrevistado nº 1, 28 anos, ensino superior)

Este tipo de afirmações é reforçado quando pedimos aos nossos entrevistados que comparassem o graffiti com os murais políticos:

“Os primeiros murais tinham uma crítica muito mais explícita e sem quaisquer interesses em representar o nosso modo de vida e pensamento. Acho que há no graffiti algo de muito mais profundo que reivindica algo mais do que a liberdade pretendida nesses ditos murais. O graffiti propõem algo mais, ao mesmo tempo que representa um

grupo de pessoas.” (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior)

No entanto, a posição em que se sentem os writers face à sociedade, é por vezes vista como uma afirmação contrária aos valores e comportamentos considerados normais:

“É um bocado tipo, estares...a fugir à sociedade, meu, tares a virar as costas à sociedade, é tares, é desprezares a sociedade. E já a mesma coisa é por exemplo, é pintar na linha do comboio, meu. Eu, por exemplo, quando vejo o comboio a passar, meu, o comboio para mim, representa a sociedade e eu sou tipo um bocado, uma espécie de um...um renegado que tá ali à margem da sociedade e que tá ali a fazer coisas pá sociedade ver.” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano)

“(...) quando eu digo que isto é um acto de revolta é no sentido, quer queiram quer não, nós fazemos isto porque há gente que não gosta e porque há muita gente que tá contra isto (...) e porque há gente que fica mêmo chateada se eu der ali um bombing, isto pode parecer completamente ridículo e errado, mas eu tiro mêmo gozo de muita gente não gostar do que nós fazemos, acho que o gozo tá principalmente nisso, na sociedade não gostar do que nós fazemos (...)” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior)

Num outro nível de análise, e uma vez que o graffiti tal como o conhecemos hoje, surgiu nos Estados Unidos nos anos 70 e foi divulgado como uma componente da cultura Hip Hop, fomos procurar saber até que ponto os nossos entrevistados se identificavam realmente com esta cultura. Dos onze entrevistados apenas quatro, três mais concretamente, referem que se identificam com a cultura Hip Hop e afirmam mesmo praticarem graffiti em prol do desenvolvimento do movimento:

“Quem tá a fazer graffiti deve pensar que tá a representar uma cena d’uma cultura, e se essa pessoa não tem essa cultura tá a fazer uma cena completamente oposta daquilo que ele quer fazer; (...) porque há muitos que pintam e não respeitam a cultura... (...) sem ter o mérito de poder fazer graffiti.” (entrevistado nº 8, 18 anos, estudante)

“Comecei a fazer graffiti como uma vertente do hip hop. Primeiro acho que começa um pouco como algo que fazemos em prol do movimento e da cultura em que estamos inseridos, (...) Foi talvez para expressar esta forma de pensar e para a transmitir a

todos os que não compreendem que pela primeira vez peguei numa lata.” (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior)

Por outro lado, aqueles que não se identificam com o movimento Hip Hop, afirmam mesmo que “uma coisa não tem nada a ver com a outra”:

“(...) o graffiti foi adoptado pelo Hip Hop, mas o Hip Hop não pode viver sem o graffiti, mas o graffiti pode viver sem o Hip Hop (...)” (entrevistado nº 1, 28 anos, ensino superior)

“(...) ninguém me disse: “tens que fazer graffiti tens que ouvir hip-hop”, não, isso ninguém me disse nada disso.” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

Inclusivamente um dos jovens afirma mesmo que quando começou a pintar nem sequer sabia que o graffiti poderia estar associado ao movimento Hip Hop:

“Eu, quando comecei a pintar, não ouvia Hip Hop, nem sabia, na verdade, que o graffiti tava ligado ao rap, ao break dance, essas cenas, não fazia a mínima ideia (...)” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior)

Todos os entrevistados afirmam que o graffiti não é visto “com bons olhos” pela sociedade, afirmam mesmo que os media contribuem fortemente para a imagem negativa que a sociedade tem do graffiti. Apenas dois dos entrevistados referem uma atitude positiva em relação à forma como os media tratam a questão do graffiti, os restantes afirmam que os media apenas pretendem transmitir os aspectos negativos e marginalizantes do graffiti, provavelmente, e esta é uma ideia que nos surgiu como plausível, serão os que se dedicam mais ao graffiti legal aqueles que mais se sentem prejudicados:

“(...) tudo o que é polémico e tudo o que é mau vende, e o graffiti não foge à regra. Quando é pa falar de vandalismo tão lá todos, mas quando é pa falar de trabalhos ninguém se dá ao trabalho de ir, é sempre assim pá. Os trabalhos é que eles não vêm filmar, as construções e “Aaah”, que isso se calhar não vende tanto como se, como pintar um comboio que é mais chocante e as pessoas, pá, é como tudo meu...” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

“(...) Eles manipulam tudo. Só querem polémica porque é isso que chama a atenção das pessoas. Só lhes interessa a parte ilegal e quando se trata de legal arranjam algo negativo (...), é rara a reportagem que satisfaça um writer.” (entrevistado nº 4, 20 anos, estudante)

Relativamente à dimensão étnica do graffiti, apesar de os nossos entrevistados admitirem que existem diferentes etnias na prática do graffiti, na verdade afirmam que na maioria são brancos e portugueses. Um dos nossos entrevistados afirma que são os media os principais responsáveis pela ideia corrente que se tem do graffiti, em que se associa o graffiti a jovens negros oriundos dos bairros mais degradados:

“(...) É o que eu te digo, os media criam, fazem a imagem que querem, então não é, “se o graffiti é vandalismo, graffiti é preto, barraca, que vende droga e rouba carros”...
(entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

Relativamente ainda aos significados diferenciados, podemos afirmar que os significados atribuídos ao graffiti variam, de facto, consoante os contextos locais de produção de sentido e as redes de relacionamento a que se pertence, confirmando-se a nossa hipótese inicial. Podemos então avançar com dois dados importantes. Em primeiro lugar, num dos locais em que encontramos os grupos de writers ou crews, nomeadamente no Forte da Casa, constatámos que a prática predominante é a do graffiti legal. Este grupo procura legitimar as suas práticas evitando apropriar-se de espaços inconvenientes e normalmente pedem autorização para pintar nas paredes e muros públicos, à da Junta de Freguesia da localidade. Verificámos no terreno que a prática do graffiti é vivida, frequentemente e intensamente, por muitos jovens desta localidade. Têm uma concepção mais artística do graffiti, tanto no desenvolvimento de lettrings como de desenhos, e demonstram um desejo de requalificação urbana.

“(...) é um estilo de vida, para quem faz a cena, é um estilo de vida bastante civilizado, pa quem o faz a sério, (...) tentam mudar a estética e criar um look novo àqueles blocos de cimento que fazem e depois não têm solução pra eles. Portanto, às vezes, é um bocado assim e isso não se produz cá ainda com muita regularidade, mas lá fora tu já vês, eles disfarçam prédios com fachadas meu, prédios cheios de coisas lindas meu, e por vezes, pá, e é por aí que nós vamos seguir, nem mais meu. Não é para tar a destruir paredes pa dizer que o Jonh nin da couve teve ali e pintou ali, isso não

interessa a ninguém, para mim não me interessa...” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

Num outro grupo de writers residente em Lisboa, encontrámos uma concepção do graffiti totalmente diferente. Dedicam-se mais ao *bombing* e o graffiti legal, como atrás já foi referido por um writer, é apenas uma forma de se aperfeiçoarem para o graffiti ilegal, pois este é por eles considerada a vertente legítima do graffiti. Seja como for, queremos apenas afirmar que é possível estabelecer uma relação entre os contextos locais e redes de relacionamento e os diferentes significados atribuídos ao graffiti.

Conforme já referimos no capítulo dedicado às incursões etnográficas, o facto de existirem diversas paredes legalizadas no Forte da Casa e também no Seixal como mais tarde viemos a verificar, poderiam indiciar uma forte participação das autoridades locais nos processos de legalização do graffiti e poderiam até de certa forma, indiciar uma tentativa de integração dos jovens graffitiers na comunidade envolvente. Contudo, a iniciativa inicial partiu sempre dos graffitiers. Foram estes que procuraram o apoio das autarquias locais para o desenvolvimento do graffiti legal.

A recepção e participação por parte das Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais revelou-se no entanto, um tanto diferente nas duas localidades. Foi entrevistado o Presidente da Junta de Freguesia do Forte da Casa, Sr. António José Inácio e o responsável pela divisão de acção cultural da Câmara Municipal do Seixal, o Dr. Carlos Garcia. A Câmara Municipal do Seixal, apesar de a iniciativa ter partido também de alguns graffitiers, apoia, desenvolve e promove diversas iniciativas ligadas ao Graffiti. Por exemplo, o “Seixal Graffiti”, mostra de graffiti em que diversos graffitiers pintam em conjunto durante alguns dias um muro ou parede de grande extensão cedidos pela Câmara Municipal para o efeito, que se realiza anualmente e tem por objectivo a promoção do graffiti e a sua elevação a um estatuto de arte urbana. Organiza ainda exposições de graffiti e tem como projectos futuros a construção de dois “Parques de Graffiti” em duas localidades do concelho, que consistem na elevação de diversos muros/painéis que os jovens writers podem pintar e que estarão abertos ao público. Além de todas estas iniciativas a Câmara Municipal apoia também a “Associação Spred”, constituída por dois jovens graffitiers, o Gonçalo e o Sérgio, que visam o “ensino da arte” através da realização de diversos workshops em várias escolas do país

com o objectivo final de promover o graffiti enquanto forma de arte e de “limpar” a imagem de vandalismo que a maior parte das pessoas tem dele:

“(…) nós agora estamos a fazer uns workshops com as escolas do concelho e estamos a tentar ensinar os miúdos mais novos a pintar.(…) E é isso que a associação SPRED está a tentar fazer. Fazer com que as pessoas vejam o graffiti de uma maneira diferente, de uma forma mais artística do que propriamente de vandalismo.”
(entrevistado nº 1, 28 anos, Licenciatura em Design de Moda)

Segundo o Dr. Carlos Garcia, o objectivo da Câmara começou por, numa primeira fase, se prender com a tentativa de legalização do graffiti como forma de diminuição do bombing, dos tags, e logo, da quantidade enorme de queixas de munícipes e de empresas de transportes públicos, que viam crescer de dia para dia. Tornou-se depois, no entanto, objecto de acção pedagógica. É uma forma de ocupar os tempos livres dos jovens e simultaneamente de valorizar os seus esforços na constituição do graffiti como uma forma de arte urbana. Segundo nos pareceu, o facto da Câmara Municipal promover estas iniciativas permitiu que grande parte da população tivesse acesso a uma arte desconhecida por muitos deles ou apenas conhecida na sua vertente vândala, a do “bombing”, e logo, conduziu também a uma melhor aceitação e compreensão do graffiti.

A Junta de Freguesia do Forte da Casa, órgão responsável pela legalização de diversas paredes naquela localidade e segundo as declarações do Presidente da Junta, não promove qualquer tipo de actividade no âmbito do graffiti. Limita-se a apoiar as iniciativas tomadas pelos jovens writers e a legalizar paredes e muros quando por estes solicitadas. Não nos pareceu existir de facto, ao contrário do que se passa na Margem Sul, com a Câmara Municipal do Seixal, qualquer intuito na divulgação do graffiti, na sua elevação a um estatuto de arte, na sua utilização para requalificação urbana, mas sim e apenas um pequeno apoio quando solicitado pelos próprios jovens. Temos de ter em conta o facto de, provavelmente, esta freguesia nunca se ter deparado com uma dimensão tão problemática relativamente à prática do bombing, que exigisse maiores preocupações em questões de integração e controlo, como no município do Seixal. Além disso, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, município em que está inserida a freguesia do Forte da Casa, também poucos esforços tem realizado nesta área, ainda que, seria necessário abordarmos as autoridades competentes por forma a

complementarmos esta afirmação. Seja como for, é garantido que o referido município não tem implementado medidas promocionais do graffiti com a intensidade e frequência do município do Seixal. Provavelmente, também a adesão à prática do graffiti, por parte dos jovens, não é tão intensa e extensa como na margem sul. Ainda assim, o grupo de jovens graffitiers oriundos da freguesia do Forte da Casa, e como já afirmámos, valoriza mais a vertente legal e artística do graffiti, daí a sua preocupação em pedir legalizações de paredes, o que não se tem revelado nada fácil. De facto, alguns dos jovens desta localidade queixaram-se do pouco apoio e interesse demonstrado pela Junta de Freguesia neste domínio, e também, conseqüentemente, da dificuldade em obterem paredes legalizadas:

“(...) já chegámos ao ponto já nem pedimos que nos paguem, só queremos as paredes, eu já cheguei a ir à junta e digo: “pá, é assim, você tem uma casa, a casa tá a cair aos bocados, eu sou empreiteiro, eu ofereço-me para lhe arranjar a casa e você diz que não?”. É o que um gajo anda a fazer, eu ofereço-me pa lhes pintar a parede e eles não me dão a merda do papel, eu tou há quase três anos à espera que me legalizem um muro que tá todo sujo...(...) o que eu vejo ali é falta de interesse.” (...) A junta não se tem esforçado nada, é só pa calar a boca, às vezes dá uma ou outra parede porque a gente chateia muito.” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

Também outros graffitiers, de outras localidades se queixam do pouco apoio ou até do apoio inexistente por parte das autoridades locais na promoção do graffiti legal, o que nos parece, conduz a uma certa revolta por parte dos jovens e a uma conseqüente proliferação do graffiti ilegal como por exemplo acontece com este jovem graffitier da Buraca:

“(...) eu já fui, já fui à Junta de Freguesia da Buraca, meu, já fui à câmara Municipal da Amadora, as pessoas não te dão valor, meu, pá as pessoas não, pá não te ligam...tipo “Eh..o puto, quer risquar as paredes e não sei quê”. Então é mesmo tipo, pá, fazes ilegal e tipo, olha “Foda-se pá, eu não precisei da vossa autorização e fiz aquilo que eu quis e acabou”, tás a ver...” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano)

Similarmente, no Porto e em Gaia, a iniciativa também tem partido dos writers mas, segundo eles, com resultados pouco frutíferos:

“(...) já tentámos pedir várias autorizações em paredes que muitas vezes já se estão a desfazer e só muito esporadicamente é que nos dão um "sim", porque geralmente ouvem falar em graffiti e dizem logo que não nem se interessam em ver fotos de trabalhos nossos.” (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior)

“As paredes que existem fomos nos que “criámos”. A câmara não demonstra qualquer interesse em apoiar-nos. Até propostas já foram feitas mas a resposta é sempre nula. Se votássemos talvez nos apoiassem mais.” (entrevistado nº 4, 20 anos, estudante)

Seja como for, é importante referir que mesmo estas tentativas de integração e legitimação do graffiti não resolvem a questão por completo, uma vez que existem jovens writers que valorizam sobretudo, como vimos, precisamente a vertente ilegal do graffiti, pelo que esta componente continuará sempre a existir. Chegaram-nos mesmo a afirmar que se o graffiti fosse totalmente legalizado, o que em casos como comboios, em princípio, nunca acontecerá, deixariam de fazer graffiti:

“(...) se o graffiti passasse a ser legal ia ser, desculpa lá a expressão, ia ser uma merda porque ia perder toda a cena que pra mim é importante no graffiti (...) se o graffiti passasse a ser legal, eh pá, ia tirar praticamente toda a piada (...), eu pra mim deixava de chamar a isso graffiti e começava a chamar... pá, arte, (...) e eu deixava de fazer sem dúvida nenhuma.” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior)

Partindo agora para um outro nível de análise, e conforme referimos no capítulo que dedicámos à enunciação da nossa problemática, nos E.U.A. o graffiti terá tido origem nos estratos mais baixos da população, como forma de contestação social. Em Portugal, José Machado Pais, na sua obra *Culturas Juvenis*, refere um grupo de jovens oriundos predominantemente das classes médias, que utilizavam o graffiti como forma de expressão.

É sem dúvida de importância central num estudo deste tipo, inquirir sobre que tipo de jovens que se dedicam a esta prática que, arte ou vandalismo, é na sua essência ilegal.

No nosso estudo, foi possível apurar que, e quanto ao que aos nossos entrevistados diz respeito, o graffiti é uma prática que atravessa todas as classes sociais. No entanto, e ao

contrário do que muitos poderiam imaginar, a categoria sócio-profissional (própria e de origem) predominante é, de facto, a dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE). Dos 11 jovens entrevistados, metade, situa-se nesta categoria sócio-profissional, seja por pertença directa ou com base na posição familiar, no caso dos estudantes. Aqui surge uma primeira questão: que dinâmicas sociais poderão estar associadas a este fenómeno uma vez que, o tipo de graffiti aqui considerado como objecto de estudo, começou por ser praticado por jovens oriundos dos bairros mais problemáticos de Nova York?

Para responder a esta e a outras questões, construímos um quadro de Perfis Sociais, que sintetiza toda a informação que presidiu à construção das categorias sócio-profissionais dos nossos entrevistados, dos seus pais e do conseqüente ISPF (Indicador sócio-profissional familiar de classe). Este quadro pode ser consultado no Anexo 2 deste trabalho.

A observação do quadro mostra-nos que dos nossos onze entrevistados apenas quatro exercem profissão e que os estudantes que frequentam o ensino superior, fazem-no todos, em áreas ligadas ao Design, Grafismo e Comunicação. O entrevistado nº 4 apesar de frequentar um curso técnico-profissional também está ligado ao Design. Dos estudantes que não entraram para o ensino superior, apenas três, o entrevistado nº 2, nº 10 e nº 5, colocam de parte a continuação dos estudos seja na área das artes, seja noutra qualquer. É de salientar contudo, que a categoria sócio-profissional do primeiro é Operário e o segundo, tem um ISPF indeterminado em virtude de ser um jovem residente há nove anos numa instituição de solidariedade social e que está a cargo da segurança social. Dado que é estudante, também não é possível estabelecer a sua categoria sócio-profissional actual. De qualquer modo, ambos se enquadram perfeitamente nas categorias sócio-profissionais mais desfavorecidas da estrutura social. O terceiro (entrevistado nº5), não pretende continuar os estudos em virtude de ter herdado o negócio familiar. Os outros três entrevistados que não frequentam o ensino superior mantêm esperanças de o fazer e, mais uma vez, todos nas áreas ligadas ao Design, ao Grafismo, em suma, às artes. Confirma-se então a tendência geral na sociedade Portuguesa da aposta na escolarização e na obtenção de recursos qualificacionais.

Relativamente à mobilidade social, podemos também retirar da observação do quadro, algumas conclusões pertinentes. Mais uma vez, se no conjunto dos nossos entrevistados, confrontarmos o grau de escolaridade ou a categoria sócio-profissional de cada um com o ISPF em que se encontram inseridos e com o grau de escolaridade atingido pelos pais, podemos concluir pela quase inexistência de mobilidade intergeracional em qualquer das posições de classe existentes no nosso estudo. De facto, do conjunto de jovens apresentado, sete reproduzem o seu ISPF. Não nos podemos no entanto, esquecer que todos estes jovens se encontram ainda em início de carreira e em plena estruturação do seu futuro e todas as hipóteses explicativas de futuro avançadas, são meras suposições.

De qualquer das formas, a conclusão mais imediata e principal que se retira, é que de facto, a prática do graffiti no nosso país é atravessada por todas as categorias sócio-profissionais. Diferentemente do que aconteceu nos EUA em que o graffiti se restringia às classes sociais mais desfavorecidas, no nosso país, ele é praticado por jovens oriundos de diversas posições de classe com uma predominância da categoria sócio-profissional dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento, o que vai de encontro ao preconizado por José Machado Pais quando afirmava que eram os jovens oriundos das classes médias que mais elegiam as actividades artísticas como actividades de substituição ao desemprego ou de lazer.

Portanto, todas estas conclusões nos levam a acreditar que o sentimento de pertença a um grupo e o assumir de uma identidade alternativa ao nível dos estilos de vida se relacionam mais com a prática do graffiti do que propriamente a posição de classe, pois como vimos, jovens oriundos de diversas categorias sócio-profissionais (se bem que, no nosso caso, com predominância para a categoria PTE), adoptaram a cultura graffiti como estilo de vida. Fazer graffiti é uma forma de estar no mundo, é ser diferente, quebrar a rotina e sair da banalidade, é ver o mundo com outros “olhos”, é o construir de uma identidade.

“(...) fazer graffiti é representar de certa forma a minha existência e as coisas que eu penso e transmitir isso em formas e cores, (...) faço isso para me sentir...um bocado em casa quando ando na rua. Haver pedaços de mim por tudo quanto é lado, (...) a mensagem essencial é: “Eu existo!”” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano)

“É importante... é fazer, antes de mais, algo que nos distinga, bem feito, e, segundo o meu ponto de vista, darmos algum sentido à nossa existência, não sermos um bocado

escravos do momento... e termos as nossas próprias convicções, ganhar uma personalidade nalguma coisa. Eu se ganhei alguma personalidade, porque comecei-me a identificar com alguma coisa.” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante)

“(...) é um estilo de vida para mim, acima de tudo, que me identifico com outras pessoas, compartilho com... outras pessoas, pá, o mêmo sentimento, é um modo de estar, tás a ver...” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano)

“Eu vou no carro com os meus pais, eu vou-me a grisar o caminho todo, porque os meus pais vão na rua, vão olhar a pensar, “eh pá, ganda seca tenho de ir pó trabalho e não sei quê e eu venho a pensar “eia, tenho ali uma cena, tenho ali...””, nós vemos a cidade de uma maneira completamente diferente das outras pessoas” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior)

“(...) querer mostrar que nós estivemos aqui ou nós passámos por aqui, mas é uma maneira de assinar mais pessoal, (...) mais de identidade pessoal.” (entrevistado nº 1, 28 anos, ensino superior)

“(...)Todas as sociedades têm que ter os seus "rebeldes" mas gostava que pensassem em nós como alguém que propõe uma "opção" diferente de vida.” (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior).

~

Síntese Conclusiva

Portanto, como vimos, os significados atribuídos à prática do graffiti são de facto, diferenciados, facto ao qual os contextos locais de produção de sentido e as redes de relacionamento não são alheios. Uma clivagem fundamental prende-se com a prática legal/ ilegal do graffiti, que os jovens writers diferentemente consideram como sendo, uma ou outra, a vertente legítima do graffiti. É ainda em torno desta clivagem que se discute se o graffiti é ou não arte. Se para uns o graffiti legal ou ilegal é considerado arte, para outros, não o é e só passaria a ser uma forma de arte se fosse totalmente legalizado, o que, por outro lado, faria com que deixasse de ser graffiti, já que na sua essência e na opinião destes, o graffiti, é de facto, ilegal.

Podemos então considerar o graffiti como um sub-campo dentro do campo (no sentido bourdieuano do termo) das práticas culturais, em que se “debate” sobre o que é ou não o graffiti legítimo. Poderá ser ainda um campo em formação, mas possui de facto todas as premissas que nos levam a considerá-lo como tal. No seu interior existem regras e normas de conduta internas pelas quais os writers e crews regem os seus comportamentos e verifica-se também a existência de lutas de poder entre os graffitiers que mais defendem a arte pura e logo, de rua, ilegal e que recusam assim entrar nos circuitos legais do mundo artístico e os que optam pela vertente legal do graffiti, “vergando-se” deste modo às exigências e procura externa e tentando promovê-lo e elevá-lo de facto a um estatuto de Arte urbana no seio do campo de produção cultural existente.

Pudemos ainda constatar que a prática do graffiti envolve fortes redes de amizade e interconhecimento entre os writers. Questões de prestígio e reconhecimento encontram-se também bastante presentes nesta prática, seja no que diz respeito a desenvolvimento de estilos, técnicas e padrões estéticos, seja pelo risco do local escolhido, nomeadamente no caso do *bombing*.

Relativamente às estratégias de legitimação e à acção das autarquias, pudemos constatar que ainda muito trabalho há a fazer neste plano no nosso país, pois poucas iniciativas têm sido realizadas com vista à elevação do graffiti ao estatuto de arte, que bem merece dado o valor artístico de muitos jovens praticantes, e em relação à integração nas vias

legais de uma actividade que ainda se desenrola de uma forma geral, na marginalidade. Podemos aqui salientar o trabalho realizado pela Câmara Municipal do Seixal que, provavelmente, deverá ser um exemplo a seguir. No entanto, e apesar de todos os esforços que possam vir a ser realizados, não nos podemos esquecer que muitos jovens consideram o graffiti na sua essência como ilegal, pelo que esta vertente poderá permanecer na marginalidade e “fora” de controlo das autoridades durante muito tempo. Será que algum dia desaparecerá, e teremos o graffiti arte plenamente integrado nos circuitos legais? Só o tempo o dirá. No entanto, acreditamos que esta será a tendência natural.

Fica, desta pesquisa, o fascínio por esta forma de expressão urbana e o desejo de voltar, “de armas e bagagem” ao seu estudo, porquanto, cremos, inúmeras dimensões e problemáticas ficaram, infelizmente, por analisar.

Bibliografia

- ALBARELLO, Luc, *Métodos e práticas em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997.
- BECKER, Howard S., *Outsiders – Études de sociologie de la déviance*, Paris, Éditions A.-M. Métailié, 1985.
- BOURDIEU, Pierre, *La Distinction. Critique Sociale du jugement*, Paris, Minuit, 1979.
- BRETON, P., PROULX, S., *A Explosão da Comunicação*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1997
- CAREY, James W., *Communication as Culture, Essays on Media and Society*, New York, Routledge, 1992.
- COSTA, António Firmino da Costa, *Sociedade de Bairro - Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora, 1999.
- FERREIRA, J. M. C. (e outros), *Sociologia*, McGraw-Hill, Amadora, 1995
- GARÍ, Joan, *La conversación mural. Ensayo para una lectura del graffiti.*, Madrid, Fundesco, 1995.
- PAIS, José Machado, *Culturas Juvenis*, Lisboa, INCM, 1993.
- PAIS, José Machado (Coord.), *Inquérito aos artistas jovens portugueses*, Lisboa, ICS, 1995.
- PAIS, José Machado (Coord.), *Traços e Riscos de Vida – Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*, Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2000.

- SANTOS, Célia Marisa Liebaut, *Processos de legitimação do graffiti, na fronteira do ilegal com o legal*, Tese de Licenciatura, Lisboa, Iscte, 2001.

ANEXO 1
(Glossário)

Glossário

Bomber – Graffiter que pratica bombing

Bombing – Graffitis que se realizam rapidamente, sendo normalmente pouco elaborados e frequentemente a apenas uma ou duas cores (usualmente preto e prateado)

Color Pieces – Graffiti a cores bastante cuidado e elaborado, com fundos trabalhados e letras adornadas ou desenhos.

Crew – Conjunto de graffítters que habitualmente pintam juntos e que assinam sob uma mesma assinatura que identifica o colectivo.

Crossar – Pintar ou riscar sobre um graffiti alheio

Graff – o mesmo que Graffiti

Graffiti – Arte plástica da cultura Hip-Hop e que consiste na pintura com latas spray.

Hall of Fame – Muro ou parede grande legalizado pintado com uma sequência relativamente longa de color pieces.

Hip Hop – Cultura urbana específica composta pelo graffiti, rap e break dance.

Latas – Latas de tinta em spray

Props – Parabéns ou felicitações enviadas através da parede a graffítter, crews, ou amigos.

Skills – Conjunto de técnicas dominadas por um graffítter.

Tag – Assinatura do autor do Graffiti

Tagar – Escrever o tag com letras desenhadas com uma só linha de tinta

Writer – O mesmo que graffítter

Writing – O mesmo que graffiti

ANEXO 2
(Quadro Perfis Sociais)

Perfis de Classe

	Escolar.	Profissão / Sit. Prof.	Categoria sócio-prof.	Escolar. pai	Profissão / Sit. Prof. Pai	Categoria sócio-prof. pai	Escolar. mãe	Profissão / Sit. Prof. Mãe	Categoria sócio-prof. mãe	ISPF
Ent. 1	Licenciatura (Design Moda)	Designer Moda (C. Outrém)	PTE	9º	Presidente Clube Futebol, (C. Outrém)	EDL	12º + Frequência Ens. Superior	Dona de um cabeleireiro (1 emp.)	TI	EDL
Ent. 2	12º	Electricista de automóveis, (Emp. Familiar)	O	4º	Electricista de automóveis (2 emp.)	TI	9º ano	Cortadora têxtil (C. Outrém)	O	TIpl
Ent. 3	Frequência a Ens. Super. (Design)			Licenciatura	Designer de Comunicação, (C. Outrém)	PTE	Licenciatura	Professora Ens. Sec. + Autora man. escol. Dic.Arte	PTE	PTE
Ent. 4	9º (Estudante Design)			12º	Gerente Comercial (C. Própria)	PTE	12º	Secretária (C. Outrém)	EE	PTE
Ent. 5	12º	Comerciante (Emp. Familiar)	TI	6º	Comerciante (C. Própria)	TI	6º	Comerciante (C. Própria)	TI	TI
Ent. 6	Frequência a 11º			4º	Técnico Tel. (C. Outrém)	O	4º	D*		O
Ent. 7	12º	Decorador de toldos (C. Outrém)	EE	6º	Chefe Secção (transportes) (C. Outrém)	EE	4º	D*		EE
Ent. 8	Frequência a 10º			NS	NS		NS	NS		OSI*
Ent. 9	Frequência a Ens. Superior (Design Gráf.)			11º	Vendedor, C.O.	EE	Licenciatura	Professora	PTE	PTE
Ent. 10	Frequência a Ens. Superior (Com. Gráfica)			Frequência Doutoramento	Prof. Educação Visual e Tecn. (C. Outrém)	PTE	Doutoramento	Deputada (Assembleia República)	EDL	EDL
Ent. 11	Frequência a Ens. Superior (Comunicação)			9º	Vendedor (C. Outrém)	EE	5º	Funcionária Pública (Administrativa)	EE	EE

* OSI – Origem Social Indeterminada / NS – Não sabe / D – Mãe Doméstica

ANEXO 3
(Guião das entrevistas)

Guião de Entrevista

A) Representações sobre o graffiti

1. O que significa para ti fazer graffs?
2. No teu entender, o que é o graffiti?
3. O que distingue o graff de outras formas de expressão nas paredes e muros?

B) Motivações para a prática do graffiti

4. Como é que começaste a fazer graffiti?
5. O que te leva a fazer graffs?
6. O que pretendes transmitir com os teus graffs?
7. É mais importante, para ti, transmitir para o grupo, para outros writers ou para as pessoas ou sociedade em geral? Porquê?
8. Quais são para ti os aspectos positivos e os negativos da prática do graffiti?
9. Identificas-te de alguma forma com o movimento Hip-Hop?
10. O que achas que leva os jovens a fazer graffiti?

C) Redes de relacionamento – o grupo

11. O graffiti é uma prática individual ou colectiva?
12. Como é que funcionam em grupo quando vão graffar?
13. Como é que se relacionam com outros grupos de jovens (writers e não-writers)?
14. Pensas que podemos considerar o mundo do graffiti como uma microsociedade?
15. Que “tipo” de jovens achas que fazem graffiti? (Classe, Idade, Etnia, Escolaridade, etc...)

D) Redes de relacionamento – a família

16. Os teus pais ou familiares sabem que o fazes? O que pensam eles acerca disso?
17. Como é que ocupas os teus tempos livres?

E) Atitudes exteriores sobre o graffiti

18. Como é que achas que a sociedade vê o graffiti?
19. O que pensas da actuação das autoridades (governos locais; polícia)? E em relação à vizinhança?
20. Como avalias a forma como os mass media tratam a questão do graffiti?

F) Valores

21. O que pensas da sociedade em geral e das coisas que se passam à tua volta?

G) Transgressão

22. Consideras o acto de graffar uma transgressão? Porquê?
23. Como vês a entrada do graffiti nos circuitos legais?
24. Dás mais valor ao graffiti legal ou ao graffiti ilegal? Porquê?
25. Há, na tua zona ou onde costumás “graffar” paredes livres e legais?

H) Estratégias

26. Pensas continuar a fazer graffiti no futuro ou pensas parar?
27. Como foi ou como tem sido a tua relação com a escola?
28. Pensas continuar a estudar?
29. O que pensas vir ainda a fazer em termos profissionais?
30. Gostarias de seguir uma carreira artística? E em que área? Porquê?

I) Dados socio-gráficos

31. Idade
32. Sexo
33. Estado Civil
34. Local de Residência
35. Qual o teu nível de escolaridade?
36. O que fazes? (condição perante o trabalho; profissão; situação na profissão)
37. Nível de escolaridade dos pais
38. Profissão / situação na profissão dos pais

ANEXO 4

(Transcrição de oito de onze entrevistas)